

# GEOGRAFIA E AVALIAÇÃO ESCOLAR: UMA TAREFA COMPLEXA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

*Geography and scholar avaluation: a complex task in the process of teaching-learning*

Vanessa Manfio<sup>1</sup>

Melina Dornelles Severo<sup>2</sup>

Mara Alini Meier<sup>3</sup>

## Resumo

No processo educacional, a avaliação é um ponto chave, pois através dela é possível compreender como está sendo o aprimoramento do ensino-aprendizagem. Mas a avaliação remete vários significados aos alunos, para uns representa angustia e frustração e para outros, aprovação e aprimoramento de saberes. Diante disso, o presente artigo procurou analisar as dificuldades e perspectivas da avaliação no contexto contemporâneo da educação, abordando formas avaliativas no diagnóstico da ciência geográfica no âmbito escolar. Frente a essa discussão observou-se que o professor no ensino da geografia deve utilizar vários instrumentos para avaliar os seus alunos, afim de não ficar amarrado somente às avaliações escritas, o mesmo pode se utilizar de maquetes, jogos, brincadeiras educativas, além da avaliação diária e continua do aluno em sala de aula. Destarte a avaliação consegue proporcionar um ambiente no qual os alunos possam mostrar efetivamente o aprendizado, tornando-se uma ferramenta significativa para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem.

**Palavra-chave:** Avaliação escolar; Ensino-aprendizagem; Geografia.

## Abstract

In the educational process, the evaluation is a key point, because through it you can understand how being the improvement of teaching-learning. But the review refers several meanings students, for some angst and frustration is and for others, adoption and improvement of knowledge. Therefore, this article aims to analyze the problems and prospects of the evaluation in the contemporary context of education, addressing evaluative forms in the diagnosis of geographical science in schools. Faced with this discussion it was noted that the teacher in the teaching of geography should use several tools to evaluate their students so as not to be tied only to written reviews, it can be used mockups, games, educational games, in addition to evaluation daily and keeps the student in the classroom. Thus the evaluation can provide an environment in which students can effectively showcase learning, becoming a significant tool for improving the teaching-learning process.

**Keywords:** School evaluation; Teaching-learning; Geography.

<sup>1</sup> Geógrafa. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Santa Maria. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nessamanfio@gmail.com

<sup>2</sup> Geógrafa. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: melinasevero@gmail.com

<sup>3</sup> Geógrafa. Mestre em Geografia. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mara.alini@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

A educação é um processo essencial para formar e educar o cidadão, porém vem sendo esquecida pelas políticas públicas que investem poucos recursos em infraestruturas escolares e remuneração dos profissionais.

Sabe-se que no universo escolar acontecem trocas de experiências e ideias, além da aquisição de conhecimentos, aprimorando o intelectual do aluno.

Dentro desse processo educacional, a avaliação é o ponto chave, pois através dela é possível compreender como está sendo o aprimoramento do ensino-aprendizagem. Mas a avaliação remete vários significados aos alunos, para uns representa angústia e frustração e para outros, aprovação e aprimoração de saberes.

A avaliação envolve muitos desafios ao educador, sobretudo, no sentido de eliminar os temores dessa etapa e escolher a melhor forma de avaliar o conhecimento, segundo a didática do professor.

Nessa perspectiva, as discussões e estudos sobre essa temática adquirem novos contornos dentro das ciências voltadas para educação e dos profissionais, buscando novas estratégias.

Pensando nisso, este estudo procurou analisar as dificuldades e perspectivas da avaliação no contexto contemporâneo da educação, abordando formas avaliativas no diagnóstico da ciência geográfica no âmbito escolar.

Para contemplar essas proposições fundamentou-se nos seguintes autores: Hoffmann (2005), Melo; Bastos (2012), Libâneo (1994), Macedo (2005), Rabelo (2010), Cavalcanti (1998), Moretto (2005), entre outros.

Dessa forma, o texto foi dividido em três partes, sendo a primeira parte uma análise sobre a avaliação escolar e a segunda a abordagem da avaliação na geografia escolar, finalizando com as conclusões e as possibilidades avaliativas a serem aplicadas em sala de aula.

## **DISCUSSÕES SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR**

No processo de aprendizado, a avaliação é uma etapa importante deste contexto e desse momento da vida escolar, porém suscita muitas dúvidas e questões sobre os métodos e formas avaliativas utilizadas na medição do conhecimento escolar.

Diante disso, Libâneo (1994, p.195) aponta que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho

docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

No discurso de Luckesi (1997, p.174), observa-se a menção de avaliação, não apenas como suporte na aprendizagem, mas também, na formação do indivíduo. Assim, o autor coloca que: “A avaliação apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo, como sujeito existencial e como cidadão”.

Nesta abordagem, Moretto (2005, p.95-96) comenta: “Avaliar a aprendizagem tem um sentido amplo. A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita”.

Entretanto, muitas vezes, o professor enfrenta dificuldades de avaliar, conhecer e transferir o conhecimento para os alunos, frente ao fato da escola estar preocupada com os conteúdos, vestibulares e métodos escolares.

Num outro ponto de discussão, o professor deve fazer o exercício de aprender a olhar aluno por aluno, compreendendo o conhecimento prévio e lugar vivido dos alunos, além de seus anseios e desejos, para que assim, possa deixar marcas positivas nos educandos, valorizando-os como sujeitos de sua própria história. (HOFFMANN, 2005).

Ao tratar da avaliação escolar, a autora Hoffmann (2005) coloca que a avaliação é levar em consideração um novo olhar sobre o indivíduo, caracterizando-a como avaliação mediadora, para que ocorra a avaliação são necessários três momentos avaliativos. Em primeiro lugar o tempo de admiração dos alunos, em segundo, tempo de reflexão sobre as tarefas e manifestações de aprendizagem dos alunos e por último, tempo de reconstrução das práticas avaliativas e/ou de invenção de estratégias pedagógicas para promover melhores oportunidades de aprendizagem.

Avaliar requer conhecer o aluno, acompanhando suas atividades, comportamentos e aprendizagens frente ao universo escolar, valorizando suas experiências.

Nesse sentido, no tempo de admiração, é preciso conhecer para promover o ensino-aprendizagem, e para isto o professor deve analisar os alunos através de conversas com outros professores, pais e alunos, compreendendo também o contexto em que o aluno faz parte, assumindo o compromisso, como educadores, de otimizar tempos e oportunidades de aprender (HOFFMANN, 2005).

Sabe-se que as escolas e professores não se encontram preparados para esta etapa da avaliação mediadora, pois os momentos de diálogos sobre os alunos são pouco

expressivo, algumas poucas reuniões escolares acontecem para analisar o contexto escolar, uma delas é o conhecido: conselho de classe. Porém, são, na maioria das vezes, espaços de discussões de notas e comportamento e não de reflexão sobre o âmbito do aprendizado e contexto vivido do aluno.

Ainda, vive-se diante de uma infinidade de obstáculos para uma prática avaliativa que seja condizente com os novos métodos de ensinar. Não cabe mais utilizar práticas tradicionais e autoritárias, pois este modo de avaliar não se mostra eficaz nos dias atuais. Entretanto, acredita-se que a avaliação é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem e de maneira alguma deve ser colocada de lado pelos agentes escolares (RABELO, 2010).

No segundo momento da avaliação mediadora, consiste-se no momento de refletir as possibilidades de ações futuras, analisando como os alunos estão se manifestando às tarefas e situações de aprendizagens propostas. A partir da interpretação dos recursos didáticos, epistemológicos e das situações de aprendizagens vividas pelos educandos, podem ser construídas práticas pedagógicas que atendam os interesses e necessidades dos alunos (HOFFMANN, 2005). Diante dessa situação, a educação escolar pode-se tornar algo mais prazeroso ao aluno, despertando a motivação de aprender e compartilhar conhecimentos.

No último momento da avaliação mediadora, estabelece a medição do aprendizado, através de escolhas dos educadores e atividades que se enquadram com o aprendizado naquele momento, no sentido de formar os alunos para a vida e não simplesmente para aprovação ou reprovação. Assim, a escolha do professor passa pela construção de caminhos que levem ao aprendizado escolar (HOFFMANN, 2005).

Dessa forma, a autora Hoffmann (2005) destaca que todo processo avaliativo deve ter por intenção: observar o aprendiz, analisar as estratégias de aprendizagem, e tomar decisões pedagógicas favoráveis à continuidade do processo de ensino.

No entanto, o professor, muitas vezes, não consegue lidar com a avaliação escolar utilizando a prova como instrumento, dos quais os alunos necessitam decorar a matéria ensinada em sala de aula, resultando na desmotivação dos alunos e numa resistência destes em participar do processo avaliativo.

A avaliação, muitas vezes é usada como “arma” contra o aluno. Quando isso acontece, o aluno passa a ter medo da avaliação, medo de fazer perguntas e de mostrar que não sabe. Assim o aluno vai se “encolhendo” porque não consegue acompanhar o professor (MELCHIOR, 2004).

Segundo Melo; Bastos (2012, p.182) “Muitos professores não sabem como

avaliar, e a prova acaba se transformando em um processo de cobrança dos conteúdos aprendidos ou decorados pelos alunos, ou ainda em vingança do professor (...).”

Nota-se que a prova gera ansiedade e preocupação por parte do aluno que somente tentar responder tudo o que o professor quer para obter nota e, se o professor coloca uma questão na prova um pouco diferente daquela do caderno, o aluno não sabe responder. (MELO; BASTOS, 2012).

Dessa forma, a prova nem sempre representa um bom instrumento avaliativo, pois não permite liberdade do educando em se expressar e lidar com os desafios da educação, além de representar um momento de medo e angústia que acaba por minimizar o conhecimento do aluno.

Não quer dizer que a prova não deva ser aplicada em ambiente escolar, mas ela deve ser pensada em contemplar o conhecimento adquirido pelo aluno e instigar sua criatividade. Ela sozinha não pode ser considerada um processo de avaliação, pois não acompanha a evolução da aprendizagem dos alunos, sendo esta um instrumento apenas diante das múltiplas formas de reconhecer o que foi aprendido.

Sob o ângulo da função do processo de avaliação pode-se dizer que deve cumprir o papel de diagnosticar o ensino- aprendizagem e suas mazelas para proporcionar o desenvolvimento intelectual do aluno.

Para Macedo (2005) a função da avaliação não é apenas observar criticamente uma situação passada, mas ajudar a interferir na situação em curso, ou que esta sendo planejada.

Destaca Saviani (2000), um dos caminhos do ensino-aprendizagem é o de perguntar, dentro da cotidianidade do aluno, porque mais que ensinar e aprender um conhecimento é preciso concretizá-lo no cotidiano, questionando, respondendo, avaliando, num trabalho desenvolvido por grupos e indivíduos que constroem o seu mundo.

Além disso, a avaliação é o fator determinante do processo de aprendizagem e sempre foi utilizada pela escola como uma forma de constatar a aprendizagem dos alunos (RABELO, 2010).

Convém destacar que a avaliação não pode representar um marco final dos estudos, deve ser pensada como uma parte do processo de ensino-aprendizagem, realizando-se diariamente e acompanhando o conteúdo ensinado.

Conforme Rabelo (2010) a avaliação da aprendizagem é um recurso pedagógico útil sendo relevante que o educador reconheça que a avaliação não deve marcar o final de

um período letivo, mas, sim, estar presente durante todo o processo, sendo aí um instrumento auxiliar.

Dessa forma, todo conhecimento adquirido ou ensinado deve valorizar os conhecimentos vividos dos alunos para que este possa desenvolver habilidades para o aprimoramento do ensino.

O processo de construção/apropriação do conhecimento na sala de aula é mediada pelo professor sendo importante que o educador busque concepções prévias dos alunos para ancorar o ensino (MELO; BASTOS, 2012).

Na visão das formas de avaliação podem-se abordar algumas como recursos utilizados pelos professores: a avaliação formativa, somatória, autoavaliação, entre outras. A primeira se caracteriza por um processo de interpretação-intervenção sobre o desenvolvimento do ensino com a finalidade de garanti-lo, aprimorá-lo, direcioná-lo, enfim, de dar condições efetivas para que o ensino e a aprendizagem ocorram com sucesso no ambiente escolar (SILVA; HOFFMANN; ESTEBAN, 2003).

Já a segunda remete-se na classificação dos alunos de acordo com os níveis de aproveitamento. Geralmente tem em vista a promoção do aluno de uma série para outra, sendo realizada no final de um período que pode ser semestre ou ano (HAYDT, 1988).

Na autoavaliação, o aluno participa ativamente do processo de aprendizagem oportunizando o mesmo a analisar seu progresso nos estudos e comportamentos diários em sala de aula (HAYDT, 1988).

Diante das colocações acima fica evidente que a avaliação deve ser pensada de forma a criar um ambiente para que os alunos possam mostrar o aprendizado, através de uma análise evolutiva do conhecimento do aluno sobre determinado assunto.

Em síntese, é preciso adaptar ao processo avaliativo a abordagem de várias formas de expressar o resultado da aprendizagem, analisando as peculiaridades de cada aluno e ainda compreender a didática utilizada em sala de aula, utilizando discussões coletivas e individuais para registrar o conhecimento escolar.

## **ALGUMAS FORMAS DE AVALIAÇÃO NA GEOGRAFIA**

Assim como acontece nas outras áreas do conhecimento, na geografia escolar a avaliação também é uma preocupação dos professores. Afinal, como avaliar o aluno?

Sem dúvida, a geografia trabalha com elementos do dia-a-dia dos alunos, facilitando a associação do conhecimento vivido com o conteúdo escolar. Isso contribui para

o trabalho educacional. Porém, a avaliação também representa uma dificuldade para os alunos, principalmente a “prova” que gera abstração dos assuntos estudados.

Nesta visão, a geografia auxilia o aluno a tornar-se um cidadão a partir da leitura do mundo, pois, o aluno consegue fazer a interpretação espacial mediante o estudo da realidade vivida (CAVALCANTI, 1998).

Com isto, a avaliação deve ser fundamentada nos critérios e objetivos que o professor busca compreender sobre o aprendizado do aluno. Para Souza; Muterlle (2011) pensar a avaliação no ensino da Geografia é necessário definir critérios avaliativos, das quais a relação entre o conteúdo trabalhado e os critérios deve ser evidenciada pelo professor, demonstrando a mobilidade do processo avaliativo.

Nesse sentido, os professores devem buscar utilizar novos recursos no diagnóstico do aprendizado. Entre eles: a construção de maquetes, manipulação de jogos e as discussões escolares, em trabalhos individuais e coletivos.

Sob este ângulo, o professor deverá fazer diagnósticos contínuos, permitindo analisar e entender o processo e não somente o produto final. O ideal é que o professor utilize o máximo de possibilidades na hora da avaliação, como, por exemplo: a construção de mapas, relatos de experiências, seminários, maquetes, relatórios de trabalhos de campo, provas, atividades em classe e extraclasse, etc. (RABELO, 2010).

Ainda, o professor deve trabalhar com diferentes linguagens como forma de elaborar observações, registros, descrições, representações de aspectos da natureza, para proporcionar ao aluno maior desenvolvimento da capacidade de análise e assim ser avaliado dentro do processo educativo (SILVA, 2011).

Diante disso, as atividades avaliativas do processo de ensino em Geografia devem estar voltadas também para a formação dos conceitos geográficos. O professor deve ter claros seus objetivos ao ensinar os conteúdos que pretende que o aluno tenha apreendido (RABELO, 2010).

Assim, a construção da maquete é um instrumento favorável para avaliação, pois enfoca muitos assuntos desde elementos físicos da cartografia até aspectos humanos sem falar que o aluno consegue visualizar o espaço, os conceitos geográficos e o conteúdo escolar.

Dessa forma, Oliveira e Malanski (2008, p. 181) comentam que “A maquete é um recurso didático que pode auxiliar os estudantes na compreensão dos conceitos da Geografia nas mais diferentes escalas, permitindo estabelecer associações entre as diversas proporções, desde o local até o global”. Sendo, portanto, importante recurso avaliativo para o professor em sala de aula.

Ressalta Castrogiovanni, (2009, p.74) “A maquete é um modelo tridimensional do espaço. Ela funciona como um laboratório geográfico, onde as interações sociais do aluno no seu dia-a-dia são passíveis de serem percebidas quase que na sua totalidade.”

Numa outra abordagem desta temática, Silva (2011) afirma que o educando pode contar com o auxílio dos mapas para que esse processo de ensino e avaliativo ocorra, e a Cartografia permite fazer da representação, da localização e da espacialidade, referências para a leitura da paisagem e de seus movimentos.

Por outro lado, a utilização de jogos no ambiente avaliativo pode ser significativa, já que o aluno interage e consegue mostrar suas habilidades e conhecimentos frente aos desafios propostos pela atividade.

Segundo Silva; Muniz (2012) os jogos representam um meio didático de importante valor, uma ferramenta instigante para o trabalho da Geografia, pois tem um caráter desafiador, uma vez que permite desenvolver no aluno uma capacidade ativa de raciocínio, além de trabalhar a vontade de auto-superação e o conteúdo escolar.

Ademais, os recursos tecnológicos (como: os objetos de aprendizagem ou jogos interativos) podem ser usados como uma possibilidade didática para facilitar o ensino das noções e dos conceitos geográficos, e possivelmente diagnosticar o aprendizado (SILVA, 2011).

Nessa concepção, fica evidente que o papel do professor é fundamental para construção do conhecimento como um todo e para mediação total da aprendizagem do aluno, desde o ensino até a avaliação dos conhecimentos adquiridos na escola.

Compreende-se que o papel do professor é ainda maior, no qual, o mesmo deve ser o mediador do conhecimento adquirido pelos alunos na vivência social, na escola ou diante das redes de comunicações, orientando a investigação, provocando questionamentos, desafiando-os e auxiliando no ensino-aprendizado a partir do fornecimento de fontes e informações, ele não pode ser apenas um expositor de conteúdos, já que aprendizagem consiste-se numa construção do conhecimento (AQUINO, 2007).

Nesta ótica a atuação do professor é memorável para a construção de valores sociais, educando para o trabalho e a prática social, gerando cidadãos conscientes e organizando o processo de ensino e a avaliação deste. São inúmeras responsabilidades de um professor, tornando o ato de ensinar extremamente difícil (MANFIO, 2012).

Deste modo, a educação é algo dinâmico que requer a participação de todos os segmentos educacionais, cada qual fazendo sua parte, e tendo como preocupação a



aprendizagem do aluno e sua efetiva ação criativa e cidadã, abordando sempre as diversas formas de ensinar e avaliar.

Estas múltiplas formas avaliativas impedem que a avaliação seja temerosa e assim, o aluno consiga demonstrar o que lhe foi aprendido dentro de um contexto com diretrizes e critérios elaborados pelo educador contemplando as políticas e abordagens educacionais, na qual a escola faz parte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino na atualidade passa por uma fase de mudanças, assim, a missão de educar exige muito mais do professor do que há algum tempo atrás, este tem que motivar os alunos a aprender, ensinar, criar oportunidades de aprendizado e vivência e avaliar.

Para o professor, o processo ensino/aprendizagem torna-se um desafio em meio a tantas mudanças na educação, e com a avaliação não tem sido diferente para os professores. A avaliação em si tem como objetivo verificar o aprendizado do aluno pelos conteúdos trabalhados em sala de aula, geralmente as avaliações são feitas por meio de provas e trabalhos escritos.

Porém essas formas de avaliação, muitas vezes, tornam-se um instrumento de classificação, onde separa-se o bom aluno do mal, onde o bom é aquele com as melhores médias e o ruim aquele que não consegue alcançá-las, tornando-se assim constrangedor para o aluno, visto que, numa escala geralmente de zero a dez é avaliado o “conhecimento do aluno”. Essa nota que o aluno recebe acaba por rotulá-lo, o que em alguns casos não condiz com a realidade. Dessa forma, a avaliação não deve se limitar apenas a provas escritas.

Ainda, a avaliação não deve levar em conta apenas os aspectos quantitativos, ela deve levar junto com esses os aspectos qualitativos, como participação, envolvimento nas aulas, desenvoltura, argumentação, entre outros critérios.

Neste sentido, torna-se um desafio para o professor diante de um contexto voltado para infinitos recursos didáticos e cobranças. Sendo fundamental que o educador seja um mediador na construção do conhecimento para o processo ensino-aprendizagem, desde o ensino do conteúdo em si até a avaliação, avaliando a vivência do aluno e trazendo a experiência destes para a sala de aula, tornando este ambiente acolhedor e significativo para o aluno, para que este sintá-se a vontade para mostrar o que aprendeu.

Conforme mencionado o professor pode utilizar vários instrumentos para avaliar os seus alunos, afim de não ficar amarrado somente às avaliações escritas, o mesmo

pode se utilizar de maquetes, jogos, brincadeiras educativas, além da avaliação diária e contínua que é aquela onde o professor observa o aluno em sala de aula no dia-a-dia.

Em síntese, o professor durante a avaliação, precisa utilizar o todo do processo de ensino para avaliar o educando, ou seja, o aluno dentro da sala de aula, sua experiência, sua participação, pois, mesmo que o mundo lá fora classifique de forma quantitativa, a escola básica deve preparar esses alunos para a vida e para a cidadania.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, José. **O aluno, o professor e a escola**: Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394/96. Brasília, DF, 1996.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.
- HAYDT, Regina Célia. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito & desafio**: uma perspectiva construtivista. 29. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez/Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem Escolar**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio pedagógico**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MANFIO, Vanessa. O ato de educar: discutindo o papel do professor no contexto educacional da atualidade. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 16, 2012, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UNIFRA, 2012. [CD- ROM].
- MELCHIOR, Maria Celina. **O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação**. 2. ed. Porto Alegre: Premier, 2004.

MELO, Édina Souza de; BASTOS, Wagner Gonçalves. Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento. **Estudos Avaliativos Educacionais**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 180-203, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ae/arquivos/1735/1735.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MÉNDEZ, Juan Manoel Alvarez. **Avaliar para conhecer: Examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, Bárbara Renata de; MALANSKI, Lawrence Mayer. O uso da maquete no ensino de geografia. **Extensão em Foco**, Curitiba, n. 2, p. 181-189, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/extensao/article/view/24783>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

RABELO, Kamila Santos de Paula. A avaliação da aprendizagem no processo de ensino em geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 4, p. 222-249, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/16673>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Tereza. **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SILVA, Vlândia da; MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino aprendizagem da geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan./ jun. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/117/pdf50>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SILVA, Vanessa Oliveira da. **Objeto de aprendizagem: uma contribuição para a alfabetização cartográfica na EJA**. 2011. 135f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SOUZA, Cícero Luís; MUTERLLE, Juliana Carla. Ensino de geografia e avaliação: uma questão de critérios. In: CONGRESOS NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6178\\_2812.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6178_2812.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.